



# o tempo entre nós

TAMARA IRELAND STONE

Tradução de  
DÉBORA ISIDORO

**ROCCO**  
JOVENS LEITORES

outubro de 2011



## são francisco, califórnia

Mesmo de longe percebo como ele parece jovem. Mais jovem que da primeira vez que o vi.

Ele e os amigos andaram de skate pelo Lafayette Park durante as últimas duas horas e agora se espalhavam pela grama, bebendo Gatorade e dividindo um pacote de Doritos.

– Com licença.

Oito cabeças de dezesseis anos se viraram na minha direção, primeiro confusas, depois curiosas.

– Você é Bennett? – pergunto, e espero o garoto confirmar, mesmo tendo certeza de que é ele. Eu o reconheceria em qualquer lugar. – Posso falar com você um minuto? Em particular?

Ele franze a testa, mas depois se levanta e vira o skate para impedir que role encosta abaixo. Vejo-o olhar para os amigos e dar de ombros enquanto me segue até o banco mais próximo. O rapaz se senta na ponta, o mais longe de mim possível.

Tudo nele é tão semelhante, tão familiar, que quase deslizo pelo banco para diminuir a distância, como teria feito natural-

mente quando eu era mais jovem. Mas dezesseis anos se colocaram entre nós, e isso é o suficiente para me manter onde estava.

– Oi. – Minha voz treme, e torço uma mecha de cabelo cacheado no dedo antes de perceber e baixar as mãos, pressionando-as contra as ripas de madeira do banco.

– Hummm... Oi? – responde ele. E me estuda no silêncio desconfortável. – Desculpe, eu devia saber quem você é ou alguma coisa assim?

Meu instinto é dizer que sim, mas me contenho, comprimo os lábios e balanço a cabeça numa resposta negativa. Ele não me conhece. Ainda não.

– Meu nome é Anna. Aqui. – Abro a bolsa, pego o envelope branco lacrado e sorrio ao entregá-lo.

Ele pega a carta e então a vira de um lado para outro algumas vezes.

– Achei que seria melhor explicar por escrito. – As próximas palavras são as mais importantes. Com toda minha prática eu já devia ter aperfeiçoado essa parte, mas penso novamente em cada palavra só para ter certeza. – É muito fácil eu dizer a coisa errada hoje e, se isso acontecer, talvez nunca possamos nos conhecer.

Ele levanta a cabeça e me encara com os olhos muito abertos. Ninguém jamais disse a ele nada parecido antes, e minha declaração é suficiente para que ele compreenda que conheço seu segredo.

– Preciso ir. – Levanto-me. – Leia quando estiver sozinho, está bem?

Eu o deixo ali sentado e desço a encosta. Mantenho o olhar fixo em um solitário barco à vela que atravessa a baía de São Francisco, para não olhar para trás. Depois de anos de agonia

pensando nesse momento, eu esperava algum alívio, mas não... Sinto apenas saudade dele outra vez.

O que acabei de fazer pode mudar tudo, ou não vai mudar nada. Mas preciso tentar. Não tenho nada a perder. Se meu plano não der certo, minha vida vai continuar como sempre: segura. Confortável. Perfeitamente medíocre.

Mas não era essa a vida que eu tinha escolhido.

março de 1995



## evanston, illinois

Balanço os braços para ativar a circulação do sangue, movo a cabeça de um lado para o outro até ouvir um estalo e inspiro profundamente o ar do começo da manhã, tão gelado que faz arder meus pulmões. Ainda assim, reúno minhas forças num agradecimento silencioso por estar menos frio do que na semana passada. Aperto a faixa de neoprene que prende meu discman à cintura, ligo o aparelho e ouço Green Day soar alto nos meus ouvidos. E saio de casa.

Faço o percurso de sempre pelo bairro até chegar à trilha que contorna a vasta superfície cristalina do lago Michigan. Ao fim da última curva tenho uma visão clara da rota até a pista da Universidade Northwestern, e então vejo o homem de colete verde. Corremos um em direção ao outro, nossos rabos de cavalo – o dele grisalho, o meu bagunçado – balançando, e levantamos a mão para um aceno rápido.

– Bom dia – digo ao passar por ele.

O sol se ergue sem pressa sobre o lago, e sigo para o campo de futebol; ao tocar com os pés a superfície esponjosa da

pista, sinto uma nova onda de energia que me faz aumentar a velocidade. Estou na metade da volta no momento em que a música termina, e a seguinte me transporta para a cafeteria da noite anterior. A banda era incrível, e quando eles tocaram aquelas primeiras notas, o lugar inteiro explodiu, com todo mundo pulando e dançando junto, fazendo desaparecer por completo a linha que separa a nós, os alunos do colégio e moradores da cidade, dos universitários que estão de passagem. Olho em volta para ter certeza de que estou sozinha. Tudo o que vejo são fileiras e mais fileiras de arquibancada de metal cobertas por uma camada de neve que ninguém se preocupou em remover, e então canto alto o refrão.

Estou correndo pela pista, as pernas latejando, o coração batendo forte, os braços em movimento. Inspiro o ar gelado. Expiro vapor. Desfruto dos meus trinta minutos de solidão, quando sou só eu e minha corrida, minha música e meus pensamentos. Quando estou completamente sozinha.

E então percebo que não estou. Vejo alguém na maciez gelada da terceira fileira da arquibancada, impossível de não notar. Ele está ali sentado e com o queixo apoiado nas mãos, vestindo uma parca preta e me observando com um sorrisinho.

Olho para ele de soslaio, mas continuo correndo, fingindo não me incomodar com sua presença em meu santuário. Parece ser um aluno da Northwestern, talvez um calouro, de cabelos escuros e despenteados e traços suaves. Não parece ameaçador; porém, mesmo que seja, posso correr dele.

Mas e se eu não puder?

Minha mente traz à tona as aulas de defesa pessoal que papai me obrigou a fazer quando comecei a correr antes de o dia clarear. Joelho na virilha. Mão aberta com força no nariz.



Mas, em primeiro lugar, é melhor tentar evitar o confronto simplesmente reconhecendo a presença do agressor. O que soa muito mais fácil.

Faço a curva e movo a cabeça num cumprimento breve, olhando para ele com uma mistura de medo e determinação – desafiando-o a fazer alguma coisa, mas com medo de que se mexa. E quando passo correndo, olhando para ele, vejo seu rosto mudar. O sorriso desaparece, e agora surge uma expressão triste e abatida, como se eu tivesse de fato usado os conhecimentos de defesa pessoal para socar seu estômago.

Porém, ao seguir pela curva da pista e começar a correr em sua direção de novo, ergo o olhar para encará-lo. Ele sorri hesitante, mas é um sorriso caloroso, como se me conhecesse. Sincero, como se fosse alguém que vale a pena conhecer. E não consigo evitar. Retribuo o sorriso.

Ainda estou sorrindo quando faço a próxima curva e, sem nem pensar, viro para trás a fim de encará-lo de novo.

Ele desapareceu.

Giro no lugar e examino a pista procurando o desconhecido, depois corro para a arquibancada. No começo dos degraus, hesito por um segundo e me pergunto se ele realmente esteve ali, mas crio coragem e subo.

Ele não está lá, mas esteve. E deixou provas: a neve está amassada no lugar onde se sentou, e no degrau inferior há duas marcas mostrando onde seus pés estiveram.

E é então que noto algo mais.

Minhas pegadas são claramente visíveis na neve fofa à minha volta, mas onde as dele deveriam estar – em torno do lugar em que esteve sentado – não vejo nada além de uma grossa camada de neve intocada.